



A Forja das Sete Centelhas III

A Floresta dos Deuses Adormecidos

Versão storybook infantil · Biblioteca da Forja

O Chamado Verde

Na penumbra da Oficina das Eras, o Compasso das Coisas Perdidas despertou de repente. Dessa vez, sua luz não era azul nem dourada, mas verde como folhas novas depois da chuva. Liora aproximou-se da mesa, sentindo no ar o cheiro de terra molhada e metal antigo. Asteron, seu guardião de bronze, percebeu a vibração antes mesmo que ela tocasse o artefato. A agulha do compasso não apontava para o norte. Ela tremia na direção de uma floresta antiga, quase apagada dos mapas. Liora compreendeu: a Centelha do Sonho estava chamando. E, se ela chamava, Arvador ainda corria perigo.





O Limiar da Floresta

O Suspiro de Prata deixou o deserto para trás e deslizou rumo a uma região onde a névoa tinha cor de esmeralda. Kael conduzia a embarcação com cuidado, enquanto Nima observava as folhas translúcidas que surgiam no horizonte. À frente deles, árvores colossais erguiam seus galhos como torres vivas, prendendo pequenas constelações entre as copas. Asteron ficou imóvel, atento a cada ruído. Liora sentiu que aquela floresta não era apenas um lugar. Era uma memória viva de Arvador. Cada raiz parecia guardar uma história, e cada sombra parecia esperar por alguém que tivesse coragem de entrar.



O Céu entre Raízes

Ao pisarem no chão da floresta, Liora e Kael perceberam que as regras do mundo haviam mudado. Raízes enormes serpentavam pelo solo, formando pontes, túneis e escadas naturais. Em alguns pontos, a água refletia estrelas que não estavam no céu, mas presas entre os galhos. Quando Liora tocou a casca de uma árvore antiga, viu relâmpagos de lembranças que não eram suas: cidades nascendo, povos cantando, deuses dormindo sob montanhas verdes. A Floresta dos Deuses Adormecidos não escondia apenas caminhos. Ela guardava sonhos antigos, tão poderosos que podiam mudar o destino de quem os encontrasse.



Kael e Nima Outra Vez

A jornada exigia uma confiança que o grupo havia aprendido nas aventuras anteriores. Kael já não corria para o perigo sem pensar; agora observava o vento, a luz e o comportamento das raízes antes de escolher um caminho. Nima seguia à frente com suas lâminas de papel, cortando cipós mágicos e marcando rotas seguras. Asteron protegia todos em silêncio, forte como uma muralha. Liora notou que eles não eram mais apenas companheiros de viagem. Eram uma pequena irmandade formada pelas centelhas. Cada um tinha medo, coragem e uma parte da história de Arvador gravada no coração.



Os Sonâmbulos de Âmbar

De repente, a seiva dourada que escorria das árvores começou a ganhar forma. Criaturas finas e brilhantes surgiram das sombras: eram os Sonâmbulos de Âmbar. Eles não atacavam apenas com garras, mas com visões. Kael viu-se navegando em um mundo sem perigos. Nima viu uma biblioteca infinita, onde todas as respostas estavam ao seu alcance. Liora viu uma vida tranquila, longe das centelhas e dos chamados do compasso. Por um instante, cada sonho pareceu perfeito demais para ser recusado. Então Asteron avançou, rompendo as ilusões com a luz azul de seu núcleo. Às vezes, o perigo mais doce é aquele que promete exatamente o que desejamos.

O Oráculo de Casca Branca

Depois de escapar dos Sonâmbulos, o grupo encontrou uma clareira onde uma árvore antiga parecia respirar. Diante dela estava o Oráculo de Casca Branca, um ser feito de madeira clara, musgo prateado e olhos cheios de pequenas estrelas. Ele falou com uma voz suave, como folhas movidas pelo vento. Contou que a floresta guardava a Centelha do Sonho, a força capaz de transformar futuros possíveis em caminhos reais. Mas fez um aviso: nenhum sonho deveria se tornar prisão. Se alguém tentasse controlar todos os sonhos de Arvandor, o mundo deixaria de crescer e passaria apenas a repetir uma falsa perfeição.



O Lago das Constelações Caídas

O Oráculo guiou o grupo até um lago silencioso, onde estrelas repousavam sob a água como pequenos vaga-lumes celestes. Liora viu seu reflexo se dividir em muitas versões: uma rainha, uma viajante solitária, uma menina sem missão, uma guardiã cansada. Asteron também viu algo inesperado: por um momento, apareceu como humano, feito de carne e osso. O lago não mostrava apenas desejos. Ele mostrava caminhos que nunca seriam vividos. Liora entendeu que atravessar aquele lugar exigia aceitar perdas. Nem todo sonho existe para se cumprir. Alguns existem para nos ensinar quem somos quando escolhemos seguir em frente.



O Templo do Primeiro Sono

No coração da floresta, as raízes formavam uma porta imensa. Kael e Nima entraram primeiro, iluminando o caminho com pequenas luzes azuis. O templo parecia vivo. Suas paredes eram feitas de madeira, pedra e estrelas antigas, e no centro havia um pedestal de obsidiana cercado por estátuas adormecidas. O ar tinha cheiro de sândalo, chuva e magia velha. Liora percebeu que o lugar não fora construído por mãos comuns. Era como se a própria floresta tivesse sonhado aquele templo para proteger algo precioso. No alto, entre os galhos internos, uma luz violeta e âmbar começava a despertar.





A Centelha do Sonho

No centro da câmara, a Centelha do Sonho flutuava como uma esfera de luz viva. Ela não parecia uma chama comum. Dentro dela, Liora viu futuros possíveis para Arvandor: reinos reconstruídos, povos reconciliados, ilhas caindo no vazio e caminhos que ainda poderiam nascer. Asteron ficou ao seu lado, silencioso, como se escutasse uma canção muito antiga. Liora estendeu a mão, mas antes de tocar a centelha percebeu algo importante: sonhos não eram ordens. Eram sementes. Se alguém tentasse forçá-los a crescer de uma única forma, eles poderiam sufocar tudo ao redor.



A Dama Sem Norte

A temperatura caiu e as sombras se alongaram. A Dama Sem Norte surgiu diante de Liora, flutuando como um fantasma de gelo e névoa. Sua voz era calma, quase gentil. Ela disse que poderia acabar com toda dor de Arvador. Não haveria medo, perda nem guerra. Todos viveriam dentro de um sonho perfeito, sem lembranças tristes e sem escolhas difíceis. Por um instante, a promessa pareceu bonita. Mas Liora percebeu o perigo escondido nela. Um mundo sem dor também poderia se tornar um mundo sem liberdade. A Dama não queria curar Arvador. Queria adormecê-lo para sempre.



O Preço do Despertar

Para impedir a Dama, Liora precisaria despertar a Centelha do Sonho sem dominá-la. O Oráculo explicou que esse poder exigia uma renúncia. Liora viu diante de si um futuro simples, sem batalhas, sem mapas perigosos e sem a responsabilidade de guardar as centelhas. Era um futuro calmo, talvez feliz. Para salvar Arvador, ela teria de abrir mão dessa possibilidade. Asteron ajoelhou-se ao seu lado, oferecendo apoio em silêncio. Liora respirou fundo. Escolher um mundo livre significava aceitar que a própria vida nunca seria completamente tranquila. E mesmo assim, ela escolheu continuar.



Asteron e a Primeira Guardiã

Quando a luz da centelha tocou Asteron, uma memória antiga despertou em seu núcleo. Liora viu uma mulher feita de brilho azul e prata, a Primeira Guardiã, colocando a mão no peito do construto no dia em que ele foi criado. Ela não o chamava de arma, mas de ponte: ponte entre metal e espírito, entre passado e futuro, entre guardiões que ainda nasceriam. Asteron não era apenas um protetor. Era a lembrança viva de que Arvador sempre precisaria de quem cuidasse das centelhas sem tentar possuí-las. Liora sorriu. Ela não era a primeira, e isso lhe deu força.



O Deus Adormecido

Com a centelha liberta, a própria floresta começou a despertar. As árvores se moveram, o chão tremeu e uma face gigantesca abriu os olhos entre montanhas cobertas de musgo. Era Aethel, o Deus Adormecido, tão antigo que parecia ter sonhado parte do mundo. Sua presença encheu o templo de luz verde e dourada. A Dama Sem Norte tentou lançar suas sombras sobre ele, mas o deus não respondeu com fúria. Respondeu com silêncio, raízes e estrelas. A floresta inteira se tornou uma muralha viva, protegendo Arvandor do sonho falso que a Dama queria impor.



A Escolha Final

A Dama Sem Norte tentou uma última vez. Pediu que Liora escolhesse a paz perfeita, sem medo e sem sofrimento. Nima ficou ao lado da amiga e lembrou que sentir dor também fazia parte de estar vivo. Kael ergueu o compasso. Asteron permaneceu firme. Liora colocou a Centelha do Sonho no coração de Arvador, não para controlar o futuro, mas para devolver ao mundo a liberdade de sonhar. A luz se espalhou pela floresta, e a Dama começou a se desfazer em névoa violeta. Ela não foi destruída por ódio, mas vencida pela escolha de deixar o mundo seguir imperfeito e livre.



Um Mundo que Escolheu Lembrar

O primeiro ciclo de Arvador chegou ao fim. No convés do Suspiro de Prata, Kael e Nima preparavam a partida enquanto as ilhas flutuantes brilhavam ao longe. Asteron permanecia ao lado de Liora, silencioso e atento. A Centelha da Memória, o Fragmento do Tempo e a Centelha do Sonho estavam em equilíbrio. Liora fechou seu diário, sabendo que a história das centelhas ainda poderia continuar um dia. Mas, por enquanto, Arvador estava livre para lembrar, mudar e sonhar. O mundo não precisava ser perfeito. Precisava apenas permanecer vivo, aberto e cheio de caminhos para quem tivesse coragem de explorá-los.